

Stadium

N.º 338

26 de Maio de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VER NESTE

NÚMERO

*Uma completa
reportagem
gráfica do jogo*

Irlanda-Portugal

Comentários de
TAVARES DA SILVA



*Reportagem gráfica
e comentários de*
ALVES TEIXEIRA
do encontro

Espanha-Portugal

em basquetebol



*Reportagem gráfica
da visita do*

Arsenal ao Brasil

e comentários de
CANDEIAS ALVAREZ



*Todas as actuali-
dades desportivas
da semana*

O desafio de DUBLIN

Na marcação dos cantos, os deanteiros auxiliaram a defesa. A bola foi chutada por Peter Corr e saiu por cima da trave. Note-se a agilidade de Barrigana. Felix está encoberto, e a seu lado vêm-se Canário e Armando Ferreira



O ataque não correspondeu à defesa

Podíamos ter empatado, mas era impossível passar de aí, sem jogadores de temperamento!

Crónica do nosso enviado especial, TAVARES DA SILVA

Os desafios no estrangeiro são agravados por uma contribuição especial. Nós já sabemos que em todos os encontros na casa do adversário o imposto é maior, mas no estrangeiro as custas e selos são um pesado encargo. Só têm forças para satisfazer esses requisitos os *teams* de verdadeira classe e personalidade, com suficiente calo de luta, já insensíveis ao ambiente, que não se intimidam ante o silêncio da assistência e sabem transformar as palmas de protesto ou outras manifestações semelhantes em ovações triunfais. Compreendemos perfeitamente o sentimento de um Rogério ao dizer, em roda de amigos e companheiros, que, na primeira parte, não sabia explicar o que lhe sucedeu — mas a verdade é que as pernas e todo o corpo não obedeciam à sua inteligência. Significa isto que, além de classe, os jogadores precisam de ter certo temperamento para os ambientes que, com toda a evidência, não lhe são propícios nem agradáveis. Porque artes mágicas é que certos jogadores não se diminuem, e outros se afundam? A explicação não está longe. O chamado temperamento influe — decisivamente.

No que toca a Dublin, a partida tinha para nós o pesado encargo de nunca havermos perdido, presumindo da parte do nosso inimigo o desejo veemente de *révanche*. Certamente, os nossos adversários, iam a escrever simpaticamente, contentaram-se com bem pouco, dando-nos a sensação, na lei do menor esforço para a sua satisfação espiritual, que o penalti chegava. Já esse contentamento era suficiente — talvez pelo hábito de perder...

Saímos de Dublin com a derrota mínima, mas de cabeça levantada. O mesmo é que dizer que saímos bem. Rebuscamos em nossa memória, que só a temos quase que para fixar os aspectos e coisas essenciais, e que encontramos, o que vem à tona da pele?

1.º — A esplêndida actuação da nossa defesa, em que já todos acreditamos e podemos continuar a acreditar, que vendeu tão cara a derrota; não cara que só um penalti *inexistente* lhe deu expressão. Quando nos referimos ao bloco defensivo incluímos por todas as razões, mesmo de conquista, o par de médios na sua função respectiva.

2.º — A ideia triste da fraqueza de um quinteto atacante, que nos havia desiludido mas em que persistimos, com a atenuante de muito bem sabermos que é difícil tocar num grupo que vence, oito dias antes, mesmo que os da-

dos do problema a solucionar sejam bem diferentes. De mais esta actuação fica-nos a certeza de que estivemos longe de apresentar o nosso melhor, e de que é preciso ter coragem para as grandes soluções. Quase nada fica deste ataque de *Delymount*, tão pouco ao nosso carácter, senão a formidável exibição de um homem e a actividade ofensiva da parelha média.

3.º — Recorta-se na nossa lembrança uma série de lances tocos do *team* no que diz respeito a comportamento e ao fundo disciplinar: os protestos constantes, alguns deles com a atenuante de haver razão, as bolas arremessadas para fora como reclamação, os *livres*, ostentando nítida falta de classe, e alguns choques de suma deselegância. Temos para nós que uma Seleção deve deixar no estrangeiro um rasto de pureza de comportamento, como índice de educação desportiva e cívica.

Se estes pontos nos surgem com suficiente clareza do lado português, por parte do nosso adversário, vencedor enfim p-a primeira vez, vemos o seguinte em síntese:

1.º — Um grupo de boa harmonia nos variados aspectos do jogo, tendo como fundo um nível técnico ainda não atingido pelos portugueses.

2.º — Surge-nos uma defesa sólida e com autoridade, em que a ciência de um dos seus componentes (Carey) se liga com as reais qualidades dos outros componentes.

3.º — Um ataque de boa ligação, não diremos modelar, mas com capacidade para realizar apreciáveis lances de conjunto. Ataque pecando apenas no capítulo de remate que, pelos vistos, é mal geral. Já alguém disse, com certa razão, aliás, que é hoje bem mais difícil do que antigamente, por efeitos da chamada *mafeção*, fazer golos. A prática assim o demonstra.

4.º — A certeza de que toda a actividade da Seleção da Irlanda se exerceu absolutamente dentro dos canones, em perfeito contraste com os portugueses. Estamos convencidos de que os irlandeses não deixaram de praticar algumas jogadas fora das regras, mesmo com truques de ordem técnica; porém, o seu comportamento disciplinar pode dizer-se correcto e limpo.

De tudo isto, para a história, resulta em planos de primeira grandeza e derrota pela diferença única do penalti que tem a expressão, inatacável, de bom resultado. E afirmemos desde já

que o penalti não existiu a não ser na imaginação do juiz francês, mas que o *rimos*, no sr, em potencial, logo que nasceram na área perigosa lances de extrema dureza, aquecendo o ambiente e fazendo explodir a paixão e a natural parcialidade dos irlandeses, que vêm também nestas manifestações desportivas um meio de afirmarem-se racialmente. O penalti venceu-nos. E' ele afinal que torna ainda mais honrosa a nossa segunda excursão a Dublin, onde pairava ainda a imagem de uma magnífica vitória obtida no mesmo terreno de luta.

Devemos dizer que os irlandeses — a primeira parte ilustra a afirmação — pretenderam vencer utilizando uma arma poderosa, e que eles além de tudo sabem que é característica do futebol português: — a velocidade. Afirmem-se, como sabemos, que é a bola que deve correr e não o homem; sucede no entanto, os exemplos são imensos! que a rápida movimentação dos nossos homens, em corridas amudadas e velozes têm desconcertado muitos adversários de categoria. Os próprios irlandeses já lhe haviam sentido os efeitos, vítimas da velocidade com que assínamos a maior parte dos lances das outras vezes. Há quem diga que esta preocupação que é substancialmente uma tendência redundante em desvantagem de ordem técnica, visto que fazer muito bem e depressa são coisas que não se conjugam. Ou extraordinariamente difíceis. Seja como for, os irlandeses, jogando contra o vento, subiam e desciam a mais de cem quilómetros à hora. Verdadeira vertigem de jogo, não conseguindo no entanto esfacelar a nossa defesa, os seus efeitos devastadores fizeram-se mais sentir na equipa da Irlanda do que em Portugal. Mudou-se o bico ao prego. Na segunda parte quando, necessariamente, o ritmo voltou a ser normal, após um período de febre, os portugueses manobram mais à vontade, embora sem eficiência.

Voltando ao primeiro tempo, devemos esclarecer que os defesas se apoderaram dos nossos atacantes, pelo poder de antecipação e pelo saber de experiências feito, e ainda de estudo. Como se tapa o caminho, como se cobre o lado mais fraco, como se obriga o adversário a seguir por certo trilho — tudo isso demonstraram os irlandeses. Esta orientação tornou-se mais patente quando os interiores estavam em jogo, não deixando porém de verificar-se no momento em que a bola se encontrava em poder dos extremos. Por outro lado, os irlandeses fa-

bricaram sistematicamente jogo a meia altura, fugindo certamente à dificuldade do terreno, cheio de covas, querendo nós à viva força empregar futebol junto à terra, de difícil execução, nesta hipótese, Gannon e Moroney tiveram, assim, oportunidades de meter-se no futebol de ataque desta forma servido por sete unidades. Do nosso lado, nos postos avançados, somente Travassos não se deixava cobrir pela onda, jogando com a facilidade que dá a classe e rematando tão fortemente e com tanta insistência, que um crítico irlandês havia de dizer mais tarde, que se alinhasse na Irlanda o interior-esquerdo de cabelos e cor escura, o resultado seria bem diferente. E mais tarde ainda, Carey, uma máquina perfeita de jogar, exclamava: Travassos é do melhor que tenho visto! No sobressalto desta primeira parte, a defesa das Quinas comportou-se gloriosamente, mostrando presença, actuando com autoridade, revelando que sabia o que estava a fazer. A perfeição do seu jogo não era um produto de acaso, mas a resultante de trabalho consciente e da ligação racionalmente harmoniosa do esforço de todos.

A complacência dos irlandeses por virtude de um resultado que já os satisfazia, e o cansaço proveniente de um ritmo diferente do seu normal e porventura fora do seu alcance, deu-nos uma margem maior de facilidades e um campo de manobras menos cheio de obstáculos, na segunda parte. A vontade dos irlandeses deminuiu, e a nossa em contraste era agora mais forte. Fizemos algumas tentativas e logo insucessas. Os médios, menos preocupados com a labuta da defesa, deram-se com o grande corção que eles têm a fugas e penetrações que fizeram estremeceer o *team* da Irlanda. As corridas, rápidas e oportunas, pelo melhor caminho, de Francisco Ferreira e de Canátio, levando tudo de trambulhão na sua frente, não desorganizando a defesa contrária, considerada em conjunto, tiraram-lhe pelo menos a validade de organização de jogo de ataque. Os extremos, estáticos, de simples unidades postadas no campo, passaram a ter um pouco de mais vida, e alguns internamentos úteis. O interior direito, que se limitara quasi a assistir, atrazando-se mais, pôde fazer passes da defesa para o ataque, e mais tarde continuá-los. O esquerdo orientava e construía. Mesmo assim, todos os nossos *desenhos* pecavam por imperfeição, sem deslocações ajustadas, de forma que, verdadeiramente, não se conseguia um ataque com

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

a assinatura de morte. Talvez, em dado momento, uma oportunidade de Vasques para Travassos desse a este o golpe magnífico, mas nessa ocasião o terreno fez uma tração ao melhor avançado português.

A Irlanda não tem uma equipa excepcional. Quando nos acostumamos ao óptimo, já não se dá importância ao bom. Se nos lembrarmos, porém, que a maioria dos seus elementos joga em excelentes teams ingleses, necessariamente concluiremos tratar-se de uma equipa de classe apreciável. As suas vedetas são Carey, à cabeça, Martin, Coad, Walsh e Eglinton.

Carey, o capitão do Resto do Continente, é um sábio do jogo e um executante de primeira ordem; Martin, alto e sólido, despacha com direcção tanto com a cabeça como com os pés; Coad desempenha o papel de orientador do ataque; Walsh, no centro, pode classificar-se como o ímpeto e a força. Eglinton é um jogador finíssimo, de domínio de bola e aproveitamento de situações. Cabe aqui referir um aspecto curioso, o das cargas de Walsh a Barrigana. Por certo, uma delas, ou mesmo mais, produziram-se à mar-

gem das Regras, mas não há dúvida que, de forma geral, os ingleses consideram o guarda-redes tal qual como outro jogador qualquer, embaraçando, como lhes cumpre, ao máximo, a sua mobilidade. Barrigana caiu várias vezes dentro e fora das redes, e para isto apenas há o recurso de jogar rápido a bola. Jogar de modo preventivo.

De Gannon dizem os críticos simplesmente isto: que ele tem a ciência do escocês, a técnica do inglês e o temperamento do irlandês, mas a verdade é que, sendo dos melhores, não se guindou ao plano, por exemplo, desse famoso e extraordinário Carey. Godwin, com algumas defesas de realce, deu-nos a impressão de guarda-redes de nível regular. Keane e Moroney acompanharam bem os outros da defesa, assim como o infatigável Moroney. Carr é um extremo frágil, que foge ao choque, — e não tem outro remédio! — beneficiando da estratégia de Coad. Mc Gowan passou um pouco despercebido, apesar de estar sempre na linha da luta, talvez por ser ofuscado pelo brilho do seu ponta. Há jogadores que traçam um círculo de luz à sua volta e fazem sombras!

Do novo lote permitimo-nos destacar e colocar lá bem no alto quatro rapazes magníficos de jogo e entusiasmo: Félix, Francisco Ferreira, Carlos Canário e José Travassos. Nunca nos cansamos de elogiar aqueles que, ao lado do saber jogar, têm um temperamento que lhes permite encontrar nas dificuldades forças para um comportamento que excede todas as expectativas. Félix jogou como no Campo Grande, nem um momento perdendo a noção do que estava a fazer. Duro, oportuno e certo, antecipando-se e recuperando. Xico e Canário foram os homens da defesa e do ataque, de uma energia sem igual, desperdiçando um número reduzido de lances e aproveitando avaramente

(Continua na pág. 11)

A "graça" da semana



— Isto, com árbitros franceses, dá sempre este resultado!

NO REGRESSO DE DUBLIN

A equipa nacional passou uns dias agradáveis em Dublin, na doce tranquilidade da aristocrática zona de Dun Laoghaire, que os ingleses ou irlandeses que podem e sabem gozar a vida escolhem para os seus fins-de-semana, e que no Verão deve ser um paraíso. Todos ficamos um pouco desconcertados, no primeiro relance, quando o simpático Wickham, da Federação Irlandesa, nos alojou a quinze quilómetros de O'Connell, o centro de Dublin, mas a verdade é que breve se compreendeu os benefícios deste agradável afastamento. As comunicações com a cidade eram numerosas, gozando-se ali uma paz de espírito infinita. Os jogadores pouco saíram do Hotel Royal Marine que, apesar da sua antiga arquitectura, mantém um ar gracioso, de velhice feliz. Augusto Silva estene sempre vigilante, olhando por isto e por aquilo, contrariando os rapazes às vezes, mas sempre agradável, mesmo de traço menos sisudo que normalmente.

A comida era boa, e o reforço do bacalhau eatum que, como reserva, a Federação trouxe de Lisboa, assim como vinho, completou o excelente passado. No dia da chegada, o sr. dr. Nunes da Silva, encarregado dos Negócios de Portugal, recebeu-nos em sua casa, fazendo as devidas honras, com sua esposa, senhora de invulgar trato e gentileza.

Praticamente, ou melhor, verdadeiramente, os jogadores antes de domingo só saíram uma vez, na 6.ª feira, para assistirem ao encontro Aston Villa-Shamrock. Este, como o desafio de segunda-feira, Eoerton-Shelburn, pouco nos divertiram. Vimos em acção bons jogadores, sendo notória em qualquer deles a diferença de classe dos grupos ingleses relativamente aos de Irlanda, mas a verdade é que os profissionais só se empregam a fundo — quando querem... Alberto Freitas classificou estes desafios de «chiques». ... Tinha certa razão.

Com a equipa, além dos dirigentes, eng. Mascarenhas de Menezes e dr. António José de Melo, e do inspector cap. António Cardoso, estávamos Salvador do Carmo, presidente do Conselho Técnico, o árbitro Domingos Miranda, os capitães dos juniores do Benfica e da Académica, Fernando Gomes e Alcino Pinto de Almeida — estes juniores foram seniores na forma como gozaram a viagem! — Ruben Domingues, e seis jornalistas, Alberto Freitas, Alberto Valente, Fernando Soromenho, Amadeu Rodrigues, José Parreira e Tavares da Silva, aos quais se juntou depois, no sábado, Ricardo de Ornelas, que imediatamente entrou na camaradagem.

Esta foi inexcusable! Os jogadores de hoje, mais afeitos a viagens, sabem brincar mas manter sempre o fundo de simpatia nas brincadeiras e o respeito não só por eles como pelas outras pessoas.

Houve ditos engraçados, algumas «partidas» curiosas, de colorido e pitoresco, sucedendo-se as cenas provenientes dos jogadores não saberem inglês... Ainda hoje estamos a pensar como foi possível, em certas ocasiões, que eles sobessem fazer-se entender. Que, eles, ou elas, irlandesas, entendessem tão bem...

Mesmo, após o encontro, quando foi dada a ordem de liberdade semi-plena, os jogadores confortaram-se de tal modo que jamais houve razão de os chamar à pedra. Entre todos, dirigentes, jogadores e jornalistas, verificou-se sempre a maior simpatia e compreensão. Os dirigentes federativos trataram os jornalistas com viva simpatia, justificando plenamente que, na última refeição, Tavares da Silva, em nome de todos, lestemunhasse um sentimento de gratidão e agradecimento, com algumas palavras visando a iniciativa da Federação e as relações do Organismo com a Imprensa. O eng. Mascarenhas de Menezes respondeu com a elegância que sempre o caracteriza.

Os irlandeses foram, desta vez, mais amáveis do que nunca. Depois da partida — tudo estava um pouco aborrecido. Mas o penalti passou. Veio a alegria. Verdade seja, logo na segunda-feira, o estado geral era de nostalgia. Tudo muito bonito, mas as saudades do país a afogar-nos. No dia da partida, o chefe da equipa dirigiu-se a Augusto Silva e aos internacionais, manifestando a sua satisfação.

A viagem de regresso como a de ida, no avião dos TAP foi ótima, sem mal-estar nem turbulências. A pericia dos nossos aviadores é notável. De resto, a tripulação fez parte da equipa, acompanhando-nos em todos os momentos e cerimónias. As sr.ªs D.ªs Sara Maia de Loureiro e Lucia Penalva do Amaral, muito amáveis e gentis, sempre muito senhoras, o comandante Maia de Loureiro, o 1.º piloto comandante Louro, o navegador Decio da Silva, o radiotelegrafista Almeida, e os mecânicos Coragem e Fonseca, integraram-se na equipa, sugerindo-se simpaticamente à disciplina geral das refeições, dos passeios, em tudo.

As duas viagens realizaram-se com bom tempo. Só quando chegamos a Sacavem é que compreendemos a inutilidade do seguro de mil contos. E mais uma vez, depois de termos alguns dias no estrangeiro, gostamos mais de Portugal. — T. S.



Barrigana vai captar a bola, sob a protecção de Virgílio e apesar de carregado por Walsh



EM DUBLIN
IRLANDA 1 — PORTUGAL 0

A equipa nacional de Dublin, no campo do Boheman Futebol Clube



Uma blocagem segura de Barrigana



Walsh, que persegue e carrega os *keepers*, por vezes ilegalmente, projecta Barrigana para dentro das balizas, Serafim observa o que se passa dentro das balizas, e Virgílio, assim como todos os outros, seguem o movimento da bola, já longe



Barrigana, numa esplêndida estirada,



Um mergulho de Barrigana, Felix protege. Coad estava bem colocado para o remate — mas a bola foi interceptada



O centro-avancado Walsh não chega a tempo de colocar em dificuldade o guarda-redes nacional

O
CAMPO DE OURIQUE

**promoveu um belo
festival desportivo**



A «força» desportiva do Campo de Ourique revela-se nesta imagem fotográfica. Atletas de várias modalidades em respeitosa saudação



Uma bela jogada de Martinho, a dominar David. Armando Carneiro dá a nota de haver ficado surpreendido



Desfile de várias classes do popular Campo de Ourique. As senhoras precedem garbosamente a bandeira da sua gloriosa colectividade



Rogério, que Cerqueira procurava proteger, defende um remate perigoso. À direita, novamente Rogério em acção, sob os olhares de Fernandes e Barbosa



Atletas do C. A. C. de Ourique, correctamente alinhados, cumprimentam as entidades oficiais. À direita, Azevedo apoia-se em Manuel Marques e desfaz a tempo uma tentativa dos avançados do Benfica



O futebol e o atletismo

A actividade das diversas modalidades desportivas, está determinada por lei quanto à sua duração anual. Assim e por exemplo, o futebol começa a 1 de Setembro e «arruma as bolas» em 31 de Maio.

Até agora, em nenhum ano pôde esta determinação ser cumprida; sempre houve prorrogas e o futebol viveu algumas semanas mais, com grande gáudio dos lesourellos clubistas.

Nem toda a gente, porém, partilhava desta alegria; aos dirigentes de outras modalidades menos favorecidas, esta invasão do «espaço vital» causou sempre sérias apreensões e considerável prejuízo. O atletismo, em primeiro lugar; as recelias normais dos seus torneios desaparecem nos domingos em que surge a concorrência do futebol.

Este melindroso problema fóra várias vezes considerado, mas sem solução. Foi-lhe dada agora.

Conforme proposta do senhor Director Geral dos Desportos, sancionada pelo senhor Ministro da Educação Nacional, as entidades que organizem jogos nacionais ou internacionais de futebol depois da data de encerramento oficial da época, deverão entregar uma taxa, fixada em cincoenta centavos por bilhete vendido, ao organismo dirigente que, nesse mesmo dia e na mesma cidade, tivesse já marcado no calendário oficialmente aprovado, um torneio de atletismo.

A medida, que a muitos não vai agradar, sobretudo aqueles a que se queixam das alterações do futebol, parece-nos justa e excelente.

É bem verdade que: a cada lugar sua coisa e, a cada coisa, seu lugar. A duração do futebol além do seu limite legal, causa prejuízos de que deve ser considerada responsável. Esta nova determinação superior vai, talvez, abrir caminho a certos entendimentos até agora difíceis, porque uma das partes contratantes os repudiava por desinteresse, mas que para futuro apreciará provavelmente de maneira diversa, com interesse flagrante.

Referimo-nos, assim, à celebração em espectáculo comum de um encontro de futebol e de um torneio de atletismo, como por vezes temos assistido, com inegável êxito.

Os organismos dirigentes do atletismo estão, em todo o caso, de parabéns; vêem realizada uma velha aspiração de salvaguarda dos seus interesses e, por seu intermédio, abrem-se-lhes possivelmente as portas para entendimentos.

VELA

Os portugueses pretendem reconquistar a «Connaugh Cup»

PLA terceira vez os velejadores portugueses — vencedores num ano — vão disputar a «Connaugh Cup» em Inglaterra.

Trata-se de uma competição para a qual os portugueses foram chamados certo dia — à experiência!... — e logo saíram grandes vencedores. Chegaram, viram e venceram. Eram então emissários de Portugal, emissários de um País que se estreaava em provas náuticas nas águas britânicas, Francisco Rebelo de Andrade, Wendrell Henriques, A-ácio Coelho e Bernardino de Almeida. A não ser o primeiro, ainda hoje velejador na classe «stara», todos os outros desistiram da prática da modalidade. Desertaram, deixaram de velejar. E, por esta afirmação, já alguém nos levou a mal tamanha franqueza.

Como seria possível dizer-se, assim sem mais nem menos, sem autorização de ninguém, que três desportistas, dessa classe abastada, tinham abandonado a actividade? Como se eles próprios estivessem ligados a qualquer compromisso... Respondemos: Não! Fizemos o que tinham na vontade, criaram a sua independência de homens livres, inde-

pendência que, aliás, pode criar um desportista amador ou profissional.

Agora que os portugueses se encontram empenhados na reconquista do precioso troféu, adormecido no último semestre de

«O Porto»

Recebemos o 1.º número do quinzenário «O Porto», órgão do F. C. do Porto. Dirigido pelo conhecido jornalista portuense Leite M. I., apresenta-se recheado de leitura sã e oportuna, sem exageros, embora de sabor clubista. Algumas reportagens, focando António Araújo e Fernando Moreira, a primeira figura da «quinzena» dedicada ao nosso camarada Rodrigues Teles e várias reportagens e informações que devem satisfazer a curiosidade «portista», — impõem o novo órgão.

Se os sócios e amigos do F. C. do Porto se lhe dedicarem, pode «O Porto» viver e prosperar. «Stadium» deseja-lhe longa vida, ao mesmo tempo que cumprimenta os autores da iniciativa.

Henrique Parreira

ANDEBOL

Em vésperas do Portugal-França

Iherme Correia Cesar, é digno da confiança do público adepto ao andebol.

Depois do encontro Norte-Sul, que serviu para primeiras indicações, o grupo dos prováveis defrontou no domingo um misto portuense, no próprio estádio do Lima onde se jogará contra os franceses e, com uma exibição mais do que satisfatória, venceu-o por 13-7, com 7-2 no primeiro tempo, em que alinhou a melhor formação.

Dos jogadores experimentados saiu claramente a futura formação do grupo nacional, com absoluta segurança na maioria dos postos, pela solução mais satisfatória para os restantes.

A defesa e meia-defesa merecem

consenso unânime: Délio; Abílio Sersfim, Mira e Macera; Nunes e Campos, constituem um bloco no qual podemos confiar. Lancelito e Pires, que alinharam no segundo tempo, tiveram exhibições modestas, que os não classificaram para candidaturas a titulares.

A linha avançada, que agiu sem a colaboração do indiscutível Pires, convalescente de uma entorse, foi o sector menos equilibrado, fraguejando pelos extremos; Fabião, ainda eficiente pelo remate, está longe da forma de épocas passadas e Luis Neves, habilidoso sem dúvida, apogou-se pelo pouco espaço à luta e, por vezes, aparente desinteresse.

Montalvão e Augusto, os interiores, cumpriram a sua missão e José Manuel Costa Pereira foi o avançado-centro poderoso e batalhador necessário para enfrentar uma defesa atlética, como será a francesa.

O portista Paulo, que o substituiu depois do intervalo, mostrou-se bom marcador, mas teve a sua missão algo facilitada pela passividade dos directos antagonistas.

Depois do treino, o seleccionador indicou à Federação a seguinte lista de jogadores escolhidos: Délio e Dollet; Abílio, Mira, Macera e Lancelito; Nunes, Campos e Pires (F. C. P.); Fabião, Pires (Ferroviários), Costa Pereira, Montalvão, Neves, Augusto, Paulo e Fonseca.

José de Eça

A cidade do Porto, em justo prémio do seu muito e longo interesse pela modalidade, vai receber no próximo domingo a equipa nacional francesa que vem disputar o 2.º encontro com a equipa representativa portuguesa.

Trata-se, sem dúvida, de um acontecimento de grande categoria desportiva, digno de prender todas as atenções, mormente num meio onde o andebol goza de forte popularidade, sem que as circunstâncias lhe permitissem até agora receber o justo prémio do seu entusiasmo.

Os nossos brácos adversários, que na passada época não receberam em seu país com tão hospitaleira camaradagem, de-lo-ram-se agora dispostos a impedir que alcancemos a ambicionada desforra de uma derrota que foi, para nós, um desapontamento. Mas os portugueses dispõem-se a contrariar-lhe os propósitos e a nossa equipa, cuidadosamente preparada pelo novo seleccionador Gul-

O Ginásio Clube em Setúbal

e uma reportagem que falhou...

O Ginásio Clube Português exibiu-se no penúltimo domingo em Setúbal, a convite do Clube Naval. A nossa Revista, que procura manter sempre os seus leitores em contacto com todos os acontecimentos desportivos, nunca perdendo de vista qualquer manifestação, encarregou o seu colaborador fotográfico naquela cidade, Américo Ribeiro, de enviar a respectiva reportagem do Sarau.

Não o conseguimos, porém. A despeito do nosso camarada pro-

var a sua identidade, não pôde fazer-se compreender por um director do Clube Naval Setubalense, uma colectividade que estimamos e continuamos a estimar — como todas as outras. Os homens passam...

Pedimos entretanto desculpa aos nossos leitores. Neste caso de Setúbal, não conseguiu a «Stadium» corresponder dentro das suas tradições de Revista que segue a par e passo as mais oportunas manifestações desportivas.

A terceira jornada

dos «Campeonatos da Primavera»

TERMINARAM no passado domingo de manhã, com as provas correspondentes à terceira e última jornada, os «Campeonatos da Primavera», interessante torneio que o Sport Algés e Dafundo fez disputar entre os seus associados.

Os «juvenis» correram com o ânimo que lhes é peculiar os 33 metros-livres que João Manuel Escravelo ganhou em 34,2 s. A segunda série desta prova, reunindo os melhores valores, proporcionou consequentemente, os melhores «tempo»: Manuel Costa (29,8 s.), Fernando Castro (29,9 s.) e Artur Delgado (31,9 s.).

O «infantil» Carlos da Cruz Paiva foi o melhor nos 66 metros-bruços que percorreu em 1 m. 8,4 s. Raul Martins (1 m. 13,2 s.) e Luis Barroco (1 m. 13,8 s.) disputaram muito bem o segundo posto, como aliás as respectivas marcas deixam antever.

Os 100 metros-bruços, iniciados, tiveram dois concorrentes apenas: Vasco Dias Pereira (1 m. 36,3 s.) e João Manuel Calisto (1 m. 39,6 s.).

A melhor prova do programa foi, sem dúvida, a dos 100 metros-livres, principiantes, que Eduardo Murta Barbeiro conduziu de principio a fim e que lhe proporcionou excelente vitória, no magnifico «tempo» de 1 m.

4,6 s. Fernando Madeira, excelente adversário de Murta Barbeiro, não lhe ficou longe, com 1 m. 6,5 s. Registem-se, ainda, os percursos de José Inácio Borja (1 m. 12,4 s.), Eurico Perdigo (1 m. 16,6 s.) e Ezequiel Gameiro das Neves (1 m. 18,1 s.).

Juniões e seniores disputaram, em conjunto, os 400 metros-livres e costas. A prova foi corrida um tanto em andamento de treino, com relevo para Guilherme Patroni, na prova de livres, que percorreu em 5 m. 58,6 s., e para João Franco do Vale que, em «costas», gastou 6 m. 7,4 s. Pereira Bastos acompanhou Franco do Vale, creditando-se de 6 m. 31,3 s. Guilherme Patroni teve por companheiros: Manuel Silva Rodrigues (6 m. 37,5 s.), Lionel Sousa Gomes (6 m. 42,2 s.) e Eduardo Cordeiro (7 m. 30,8 s.).

Maria Luisa Malheiro da Silva, sózinha, correu os 100 metros-livres. Aplicou-se com muito entusiasmo e obteve o magnifico «tempo» de 1 m. 29 s. — marca que, a ser devidamente controlada, constituiria novo recorde para a categoria de iniciados.

O festival terminou com um desafio treino de «water-polo» entre duas equipas do Algés e D.fundo.

Abreu Torres

HIPISMO

PARTIRAM para Paris os cavaleiros que, como noticiámos, vão disputar o Concurso Hípico Internacional, que terá lugar a partir de hoje, no Jardim d'Acclimatation, da capital francesa.

O capitão Guedes de Campos foi o primeiro oficial que partiu, visto que por determinação superior acompanhou os cavalos na sua viagem para Paris.

O tenente-coronel Ivens Ferraz, chefe da equipa, e o capitão Henrique Calado, seguiram para França de automóvel e os capitães Raimão Nogueira e Fernando Cavaleiro utilizaram o «sud-express».

Uma vez terminado o concurso francês toda a equipa seguirá para Madrid, a fim de ali disputar o habitual Concurso. Se por acaso os cavalos em França adoecerem ou se magoarem, estão prontos para seguir para a capital espanhola quatro cavalos de reserva.

São estes «Monforte», «Montijo», «Falca» e «Flama», que serão montados, caso haja necessidade, pelos capitães Raimão Nogueira, Henrique Calado, Fernando Cavaleiro e Guedes Campos.

Parece estar posta de parte a ideia da vinda de uma equipa italiana ao Concurso Hípico Internacional de Lisboa, que terá o seu início em 18 de Junho.

Segundo notícias que chegaram até nós, os dirigentes do hipismo italiano, comunicaram à Sociedade Hí-

pica Portuguesa que neste momento não tinham cavalos em forma para se apresentarem no certame.

Mantem-se porém a esperança que no mesmo Concurso tomem parte as equipas espanhola e francesa.

Ainda se não conhece em definitivo o nome dos cavaleiros e montadas que estão superiormente autorizados a disputar o Concurso de Lisboa. Sabe-se apenas que isso só será permitido aos «conjuntos» que tiveram boa actuação em Mafra, para se evitar a presença de determinados cavalos que não oferecem de momento quaisquer possibilidades de se baterem com os «cases». Evitar-se-á também um elevado número de inscrições, o que daria às provas uma duração talvez demasiado longa.

A título de curiosidade damos ao leitor os montantes das verbas ganhas por cada um dos cavalos da equipa nacional que disputarão os Concursos Hípicos de Paris e Madrid.

Até à data da sua saída para França os prémios pecuniários obtidos por cada cavalo eram os seguintes:

«Raso», 91.678\$00; «Vouga», 66.508\$50; «Zuati», 49.712\$50; «Congos», 37.150\$00; «Gaza», 18.730\$00; «Mondina», 12.000\$00; «Favorito», 3.220\$00; e «Flávia», 1.366\$50.

Registe-se que, «Favorito» e «Flávia», são animais que fizeram a sua estreia na época passada.

Antas Teixeira

O V campeonato do Mundo

de hóquei em patins

a que concorrem equipas de oito nações da Europa

NOVAMENTE — a partir de sábado e até 8 de Junho, porque o último dia, como habitualmente, é reservado à consagração dos campeões — vai o Pavilhão dos Desportos ser teatro de uma organização desportiva da mais importante categoria: o 5.º Campeonato do Mundo de hóquei em patins.

E' a segunda vez que o torneio se efectua naquele recinto; a primeira foi há dois anos — e culminou com a primeira vitória dos portugueses na competição. Agora, apesar da incógnita que constituiu a equipa da Inglaterra e da forma excelente dos helvéticos, belgas e espanhóis, havendo ainda que contar com os italianos, sempre perigosos, tenhamos confiança: no Grupo de Portugal — e, mais do que já, a certeza absoluta de que o título continuará em poder dos bravos hoqueistas lusitanos. E nunea a palavra «bravo» teve tão justa applicação — porque os nossos jogadores são realmente uns perfeitos diabos...

A forma apurada de Emídio, de novo capitão da turma, junta-se a segurança de um Ralo em excelente condição física e daquelas duas maravilhas que são os primos Correias — allando-se-lhes ainda os irmãos Serpas — para se crer em novo triunfo. A equipa, realmente, pela disposição em que se encontra e porque nos treinos demonstrou estar na sua melhor forma — parece-nos até que a jogar como nunea! — deve dar-nos a maior alegria. Todos, sem excepção, se comprometeram dos seus deveres — e a classe e poder que se lhes nota é o seu mais forte estorpe para triunfar. Vamos, pois, confiadamente, à confirmação de um título que lhes está bem entregue. E não deve fugir por estes anos mais próximos...

O calendário do campeonato, com quatro desafios por jornada, é o seguinte: 1.º dia (28 de Maio) — Ho-

landa-Itália, Espanha-Suíça, França-Inglaterra e Portugal-Bélgica; 2.º dia (29) — Bélgica-França, Holanda-Inglaterra, Itália-Suíça e Portugal-Espanha; 3.º dia (30) — Espanha-Holanda, Bélgica-Itália, Inglaterra-Suíça e Portugal-França; 4.º dia (31) — França-Itália, Bélgica-Holanda, Espanha-Inglaterra, e Portugal-Suíça; 5.º dia (1 de Junho) — Holanda-Suíça, Espanha-França, Bélgica-Inglaterra e Portugal-Itália; 6.º dia (2) — França-Suíça, Bélgica-Espanha, Inglaterra-Itália e Portugal-Holanda; 7.º e último dia (3) — França-Holanda, Bélgica-Suíça, Espanha-Itália e Portugal-Inglaterra.

No primeiro dia o espectáculo começa mais cedo do que nos outros (às 21 horas) para se fazerem as apresentações dos concorrentes; depois, o principio será às 21,15 — fazendo os jogos a seguir às 22, 22,45 e 23,30 horas.

Na tarde de 4 haverá (como é da praxe) o jogo campeões do Mundo-Seleção, marcado para as 16,30 horas. Antes e depois — o espectáculo começa às 16 horas — exhibições de patinação artística; e, a fechar, às 17,30, effectua-se a distribuição dos prémios.

As equipas estrangeiras são assim constituídas: Bélgica — De Winter, Verwilt, Cossart, Huyghe, Rénard, Vos Bogarts; Espanha — Nadal, Felipe, Serra, Trias, Mór, Soteras, Rubia e Bassó; França — Gonzalo, Grandchamp, Leporez, Marquis, Hoyez e Beaubegule; Holanda — Van Dinter, Reerard, Wemmers, Van der Kluit, Van Pelt, De Wit, Gleyem e De Buck; Inglaterra — Peyton, Phipard, Walters, Goodall, Buckley, Stumbe e Mercer; Itália — Grassi, Mazzoni, Cerjol, Bertazzi, Posser, Torre, Ferruccio e Talmaro; Suíça — Corbat, Gervaux, Buffy, Perraudin, Millesson, irmãos Monney (Pierre e Marcel) e Mury.

Na festa do Campo de Ourique

jogaram equipas do Sporting, Benfica, Belenenses e Atlético

O festival organizado pelo C. A. C. O. despertou justificado interesse. O popular agrupamento teve a colaboração de 4 dos principais clubes lisboetas, que se envolveram num torneio relâmpago de futebol.

Assim, o Benfica venceu o Sporting em 50 minutos de jogo, divididos em dois tempos de 20 e um prolongamento de 10. O empate a 2-2 converteu-se em vitória do Benfica, ajudado pelo menor número de cantos sofridos.

No outro desafio de eliminação, o Atlético venceu o Belenenses por 2-1, em 40 minutos, ficando

apurado para a final com o Benfica. Os alcantarenses venceram igualmente, agora por 1-0. Todas as equipas se apresentaram desfalcadas, especialmente o Sporting, Benfica e Belenenses, que tinham alguns homens em Dublin.

Num dos intervalos, o popular Campo de Ourique apresentou os seus atletas em parada, ouvindo fartos aplausos.

A MODERNA

OFICINA DE ENCADENAÇÃO

Rua Eduardo Collho, 23-C

Telef. 30078

LISBOA



Os dois grupos e a equipa de arbitragem alinhados em frente das tribunas no campo de Dalymount antes do começo da partida

A DERROTA DO "PENALTY" EM DUBLIN



Felix e Walsh chocaram muitas vezes. O irlandês não ficou a ganhar, nem em decisão nem em dureza. O bailado é estranho, e parece combinado



Barrigana detem um forte remate. A bola não consegue escapar-se-lhe, apesar da força vigorosa que a impeliu...



E a bola passou por alto. Serafim, atento ao lance, pelo sim pelo não, conserva-se no risco da baliza — como auxiliar de recurso de Barrigana



Barrigana saiu a tempo, evitando a entrada de Coad. Francisco Ferreira está um pouco atrás, e sabe que já não há perigo



Virgilio e Eglinton disputam a bola. Parece tratar-se de um concurso tendente a demonstrar quem conseguirá elevar a perna mais alto.



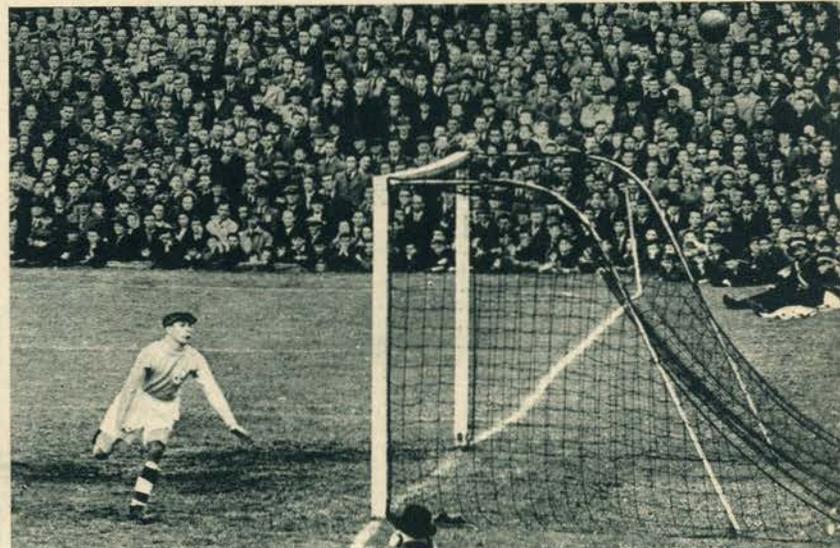
O costume simbólico e cavalheiresco. Os dois capitães, Francisco Ferreira e O'Carey, trocam galhardetes na presença do árbitro francês Le Foel, o qual não conseguiu agradar nem a gregos nem a troianos



O golo da Irlanda. Por carga inexistente de Canário a Walsh, o árbitro Le Foel ordenou a marcação da grande penalidade e Coad marcou para o lado direito de Barrigana, iludindo o guarda-redes português. Estava feita a vitória!



Barrigana livra-se de Walsh no preciso momento. Felix e Canário assistem, interessados, mas convencidos de que que não haverá perigo



Travaços aplicou, de longe, fortíssimos pontapés que provocaram calafrios na assistência. Apesar do receio do guarda-redes (Godwin) a bola passou por alto



A jogada do primeiro canto contra a Irlanda, bem apontado por Rogério. O guarda-redes defendeu. Keane, Carey, Martin e Moroney fazem uma forte cintura de protecção. Mota, tendo mais atrás Travaços, aguardava a bola para o remate

Stadium

na capital do Norte

O TREINADOR do F. C. do Porto

ESCREVEU-SE, com larga soma de espaço consumido, que Alberto Augusto seria o futuro treinador do F. C. do Porto. Jornais houve que deram o assunto como arrumado, definitivamente esclarecido... Porém, o caso está ainda em estudo.

Nunca na «Stadium», nesta seção do Porto, — como em qualquer outra — se afirmou que Alberto Augusto tinha o lugar na sua mão. Dissemos sempre, mesmo, que nada estava assente, visto que filtramos com o maior cuidado todas as informações, os boatos ou «lirios» de sensação, uma e outra coisas à margem do nosso sistema de trabalhos.

Claro que não nos interessava directamente a solução do caso. Escolher A ou escolher B era com a gerência do F. C. do Porto, e qualquer influência estranha só prejudicaria, como tantas vezes tem prejudicado, o bom andamento dos trabalhos em curso. Somos de opinião bem assente, nestas coisas: os clubes, as suas direcções, devem trabalhar sem peias vindas do exterior, principalmente agitadas por elementos que se acenturam leitosos e parcialmente na discussão de assuntos que não podem interessar-lhes antes de arrumados. Depois, mal ou bem, a um só corpo devem satisfações: à sua massa associativa e ao lugar próprio.

Disse agora que Fandinho substituirá Scoppelli, este tentado por um contrato da Corunha. Pois o F. C. do Porto sabe as linhas com que se cose. Conhece já o valor de Fandinho e o que ele representa como homem e como técnico. Os seus jogadores tem actuado sob direcção de argentinos: Vascelho e Scoppelli. Dar aos rapazes Fandinho, outro argentino, como orientador técnico, seria continuar a escola e fugir de lamentáveis inovações.

Portanto, dentro do terreno das hipóteses e das nossas possibilidades como elemento de crítica, — crítica construtiva, não confusa ou maldosa — achamos que talvez o F. C. do Porto veja muito bem o caso agora debatido. Escolhendo Fandinho ou Alberto Augusto, evitará um princípio de época sem treinador.

O F. C. do Porto tem a sua gente habituada a certos propósitos, doutrinas e conceitos. Há «leams» assim. Um treinador que muito saiba, nem sempre é um treinador competente e adaptável a certos ambientes. Escolher com inteligência e critério e dobrado sentir das responsabilidades, não é coisa que possa colocar-se ao alcance das tertulias apaixonadas, soliloquios de café ou campanha deste ou daquele ansioso de se mostrar o que não é e nunca pode vir a ser.

Assim sendo, que manobrem apenas os limoneiros de uma embarcação onde só cabem pessoas de fé e de apurado tino, fazendo ouvimentos loucos ao pernicioso deambolar das massas insofridas e contadas.

À primeira vista, parece que defendemos a eleição de um treinador. Nada disso, porém. Julgamos, nesta altura, que o F. C. do Porto está mais próximo da «solução Alberto Augusto» que da «solução Fandinho» (a despeito de se anunciar a passagem do primeiro para o Leixões). A crítica não tem que opor-se. Manda o clube. Deste modo, — que escolha o F. C. do Porto quem melhor o possa servir. De mais, Alberto Augusto tem capacidade para se desempenhar convenientemente da sua missão, pois deu provas suficientes em vários clubes do Minho. Seria apenas necessário que a sua larga experiência se encaixe dentro dos processos técnicos modernos, pois o contrário destrambelharia um sistema já estabelecido no grupo e fora dele. Seria perigoso...

GOMES DE SOUSA

ORA aqui está um dirigente que não precisa de se colocar na ponta dos pés para ser visto. Um dirigente que honra a boa série de elementos que tem passado pelas cadeiras do mais importante clube do Norte.

Gomes de Sousa, imitando tantos, começou como atleta, atingindo a 1.ª categoria do seu clube. Sempre dedicado, trabalhador, lealíssimo. Nunca ninguém pôde duvidar da sua amizade e do seu préstimo, e por isso veio a ser justamente lembrado para uma das últimas direcções. Fez carreira, impondo-se pela sua actividade e competência.

Na última eleição, Gomes de Sousa foi colocado no cargo de secretário geral. Escolheram muito bem os associados do F. C. do Porto, porque o antigo atleta do clube possui o espírito de sacrifício necessário ao bom desempenho das suas funções.

Para o julgar, é preciso seguir de perto o seu esforço. É preciso conhecer bem Gomes de Sousa, o homem e o dirigente, pessoa de opiniões próprias e sensatas, desportista que está sempre na calha dos acontecimentos. Gomes de Sousa foge ao elogio, não «explora» a amizade alheia, mas conquista simpatias entre a gente que anda na vida sem obliterados pensamentos. Toda a gente tem inimigos. O despeitado, às vezes cretino, forja sempre a sua rede maldosa, e a eles nem sempre escapa a pessoa sã.

Académico

O Académico Futebol Clube tem tradições muito respeitáveis. Um passado que honra o desporto nacional, em todas as modalidades, porque nunca o Académico se recusou a expandir o atletismo, o basquetebol, o rugby, o voleibol, o ciclismo, o ténis, o hóquei em campo, patinagem ou ginástica — sem lembrar o futebol, desporto onde nem sempre foi feliz. O Académico é um autêntico clube desportivo, baluarte seguro do desporto nortenho. O que se chama um clube popular e honesto.

Ora o simpático clube do Lima, segundo voz do seu presidente, precisa de ser ajudado por quem de direito. O Estádio do Lima, ainda hoje o primeiro (amos a escrever «único») parque de jo-

gos da cidade, precisa de arranjas imediatas — para se não perder. A maneira sacrificada como os directores do Académico têm conduzido o clube, nem sempre pôde vencer as dificuldades naturais de um grupo ecletico, — um clube que se dedica entusiasticamente à propaganda da educação física.

Merece o importante clube que os organismos oficiais o ajudem. Nem o Lima nem a força do Académico podem ser esquecidos pelos portuenses amigos da sua terra e das colectividades que a prestigiam. O Académico está incontentavelmente nesse número, e é bom que tal seja conhecido e explicado a quantos andam por bem nestas andanças do desporto.

Curiosidades...

O F. C. do Porto jogará em Barcelos no dia 12 do mês próximo.

Esta visita do F. C. do Porto destina-se a pagar a «carta de desobrigação» do brasileiro Silva — actualmente no Brasil, mas preso a um contrato com o campeão nortenho. Só poderá jogar, portanto, «desobrigado».

Apesar de ser visita obrigatória pelo contrato assinado, o campeão nortenho tem direito à viagem de avião, estadia e 50 contos de indemnização.

Presume-se que os portuenses, no regresso, joguem com o Valencia.

◆ Pereira, segundo se pensa, ficará oficialmente no F. C. do Porto.

◆ Não há nada em definitivo sobre a visita do Arsenal ao Porto. Mesmo que venha jogar ao nosso País, afirma-se que será pida uma grande verba para a deslocação à capital do Norte.

◆ Scoppelli aceitou uma vantagem proposta do Desportivo da Corunha. Só na nossa terra é que ca técnicos de categoria não têm valor...

◆ Avançados que o Porto «opoderar» ter na próxima época: — Vital, Araújo, Pereira, Gastão, Vieira, Sanfins, Fandinho, Lino e Digenes. Não saindo qualquer elemento, os campeões nortenhos estão livres da «importação». No fundo: — trabalhe que se não perdue.

◆ Há discordância quanto à indicação da equipa nacional de andebol. Pelos nomes que vimos apontados, não falta razão aos discordantes.

◆ Diz-se que Fernando Caiado, saiu do Baviata para o Benfica. Já se sabe há muito que antes para Lisboa do que ficar em qualquer grupo do Porto...

◆ Parece estar provado que só por expropriação conseguirá o F. C. do Porto o terreno de que precisa, nas Antas.

◆ O Académico também está em dificuldades, quanto ao Estádio do Lima. E nenhuma situação se resolve...

◆ O F. C. do Porto aceitou o convite para tomar parte na «Volta à Catalunha». Será representado por Fernando Moreira, Moreira de Sá, Dias Santos e Joaquim Costa.

◆ Fernando Moreira não deverá ir à «Volta a França». Chega-lhe a honra do convite. Procede bem.

◆ Há um dos melhores elementos do F. C. do Porto fortemente apertado para jogar num clube de Lisboa. O caso está duvidoso... Não é Virgílio! — diga-se já.

◆ Fandinho fez uma proposta inaceitável, para treinar o F. C. do Porto. Os campeões aguardam por isso uma resposta de Alberto Augusto, que se mostra igualmente interessado.

◆ Condições da visita do F. C. P. a Africa: — dois jogos em Angola e dois em Moçambique, com despesas de deslocação e estadia pagas; direito de jogar um encontro no Transvaal, com receita para os campeões nortenhos. Seria o seu lucro.

ARCADIA

O DANCING N.º 1
= DA CAPITAL =

Apresenta um categorizado programa de atrações internacionais selecionadas, com

A extraordinária vedeta de baile clássico **ANITA DEL RIO**

O conjunto coreográfico **BALLET**

COPELIA Y SUS MUCHACHAS

Esculturais bailarinas francesas

LES DEUX PARISIENNES

os famosos estilistas de ritmos brasileiros

ORQUESTRA FON-FON

Carmelita de Cardoba, Mary-Mely, Dorita de Trina, Petri Cobo, Hermanas Disder, Emilia Gomez, Mabel Valencia, Gloria La Gitanilla e Estrella Olmedo

ORQUESTRA **ARCADIA** com a socialista **DAINA** norte-americana

Abertura às 22 — Variedades às 0,15 e 2,15 horas

Na última morada de FRANCISCO VIEIRA brilha agora a «Chama da Saudade» benfiquista

O S. L. Benfica foi no domingo a Porto de Moç, para depor no jaziço onde repousam os restos mortais de Francisco Vieira — o popular «Chiquinho» do futebol de há vinte anos — um artístico lampadário que os ciclo-turistas «encarnados» conduziram em estafetas, «combolados» por uma caravana motorizada de benfiquistas, cifrada em cerca de quatro mil pessoas.

Porto de Moç associou-se à homenagem da «Chama da Saudade», e recebeu os homens do Benfica com

fidalga hospitalidade. Nos Paços do Concelho, o sr. Antero Leal, presidente do município, deu as boas-vindas aos libeatos, tendo respondido o sr. Francisco Retorta, e no cemitério, junto do jaziço, falaram os srs. major Ribeiro dos Reis, padre Francisco Poças e Manuel Araújo Rosa, da Comissão de Recepção, tendo a homenagem sido agradecida pelo sr. José Filipe Rodrigues, em nome da família de Francisco Vieira. O jaziço ficou literalmente cheio de flores, idas de Lisboa.

IRLANDA, 1-PORTUGAL, 0

(Continuação da pág. 3)

todas as ocasiões. Foram simplesmente grandes e tiveram beleza. Travassos, na frente, foi o único deanteiro de garra, servindo, acompanhando os lances, nunca desanimando, no mais belo espírito de coragem e luta, que não é incompatível com a técnica.

Vem depois Barrigana, Serafim e Virgílio. O guarda-redes português, que começa a ter certo renome fora do país, defrontando uma linha de fraco remate, ainda teve os problemas suficientes para se revelar. Serafim tapou o caminho a Carr, acorreu aos lances de defesa extrema, não se deixando inferiorizar; regressa à forma. Virgílio cumpriu a sua obrigação, valente e decidido, posto que sem o brilho de outras vezes. A dor que sentiu na segunda parte aumentou o seu esforço. Vasques e Rogério, este melhor, continuam a dar provas de falta de temperamento. Mota e Armando Ferreira forneceram a medida que se aguardava das suas possibilidades. Mota reagiu, buscou jogo, movimentou-se para a esquerda e para a direita, fabricou faltas, foi generoso e útil, por vezes, mas acentuou-se demais a sua falta de classe. Armando jogou com muita vontade, teve várias jogadas de boa concepção, mas faltaram-lhe aqueles predicados que o saber não pode dar. Queremos prestar justiça a este rapaz, de admirável compostura, dando a conhecer esta sua frase alguns minutos depois do fim do encontro:

— Com Jesus Correia e Peyroteo teríamos ganho! Não se pode

ser mais exemplarmente desportista.

Quando um árbitro não agrada a uns e outros, é para duvidar da sua competência. Certamente, as decisões de Le Foll nem sempre foram as melhores, mas é indiscutível que ele aplicou de princípio ao fim o mesmo critério, havendo sido implacável com o *erger do pé* sem ser para a bola. O juiz de linha português teve uma actuação séria.

Após termos vencido a Irlanda há dois anos, salmos agora com uma derrota por penalti. Foi pena que o seleccionador não assistisse à partida de Dalymount, pois é possível que assim e ao cabo se convencesse de determinadas verdades, em relação às quais os seus olhos teimam em manter-se fechados. Parece, pelo menos. É preciso, no entanto, corrigir sensivelmente a equipa, dando-lhe uma mais perfeita harmonia de conjunto e refundir o ataque no sentido da luta, viva e permanente, adex rando convenientemente homens de sangue e coração. Insistimos na ideia de temperamento. Caso contrário, condenar-se-á a defesa da Seleção Nacional a trabalhos forçados, continuando-se no plano inclinado das derrotas por virtude de manifesta impossibilidade de fazer golos, condição primária do futebol. Sabemos que estas palavras serão agora ouvidas e meditadas, mas depressa cairão no esquecimento. Cultivava-se muito a comodidade do futebol português. — T. da S.

Irlanda — T. Godwin; J. Carey (cap.), C. Martin e R. Keane; E.

A Espanha venceu Portugal

em basquetebol por 63-36

(Continuação da pág. 12)

Nos primeiros dois minutos a miragem dourada viveu nos nossos olhos. João Cruz fez 22 17.

O vendaval chegou. Dalman com três tentativas de lunge, felicíssimas, colocou a Espanha em vencedora.

Os nossos rapazes reagiam sempre — como aliás aconteceu durante todo o jogo.

Mas a sorte estava lançada. Todos os nossos contra-ataques perdiam-se por manifesta pouca sorte e sempre que vinham à frente os nossos adversários faziam 2 pontos. Foi assim possível aos espanhóis reduzir 18 pontos sem resposta, todos eles em lançamentos longos de Kurchasky e Dalman. A equipa portuguesa nunca se entregava mas a verdade é que o resultado principiava a pesar.

No entanto, os números desnivelavam-se, sem existir uma desproporção de forças que justificasse aquela vantagem.

Sem azedume, sem quezílias, sem atitudes de incorrecção e antes com uma nobreza que os próprios espanhóis salientaram, os portugueses lutaram com o mesmo ânimo de princípio ao fim.

Já nos últimos 5 minutos a nossa equipa não podia mais. Galindez, Borrás e Kurchasky nas bolas vindas da tabela impunham-se pela sua estatura. O nosso grupo tinha dado tudo numa demonstração de brio como poucas vezes se terá visto.

Indiscutivelmente que a Espanha tem uma grande equipa, capaz de brilhar em qualquer campo.

Aqueles 5 (Dalman, Manollos, Kurchasky, Borrás e Galindez) formam uma equipa excepcional.

E o reconhecermos esta enorme verdade, mais valoriza aquele desfecho da 1.ª parte, em que a equipa portuguesa conseguiu vencer em números — e convencer.

Há muito que oferecer ao basquetebol português, em colaboração oficial, porque bem o merece.

A Espanha mantém-se em permanente contacto internacional. Depois do torneio de Nice, teve o encontro com a França e agora interferirá numa prova na Suíça — torneio em poule — e poucos dias depois jogará em Veneza contra a Itália.

Nos agora vamos parar quando deveríamos prosseguir para aproveitarmos os ensinamentos recolhidos em Tetuão e ainda a exce-

Gannon e T. Moroney; P. Carr, P. Coad, D. Walsh, D. Mc Gowan e T. Eglinton.

Portugal — Barrigana; Virgílio, Felix e Serafim; Francisco Ferreira (cap) e Canário; Armando Ferreira, Vasques, Mota, Travassos e Rogério.

Árbitro — o francês Le Foll. Juizes de Linha — o português Domingos Miranda e o irlandês T. Butler. O golo da Irlanda foi marcado aos 44 minutos por Coad, para o lado direito de Barrigana.

lente indiesca, que a nossa equipa deu naquela admirável 1.ª parte, revelando recursos que asombrou os próprios espanhóis.

Verifiquemos nestas notas fugidias que Portugal não mereceu tão dura punição, filha apenas da extraordinária felicidade dos espanhóis naquela 2.ª parte interminável como uma noite de inverno.

Na equipa portuguesa um homem se agigantou: Pima. Possivelmente no declinar de uma carreira com páginas brilhantíssimas, o popularíssimo jogador demonstrou ser ainda, por direito próprio, o melhor português. As felicitações que lhe deu no final do jogo o seleccionador português foram bem merecidas.

Todos os elementos espanhóis e árbitros do jogo foram concordes em indicá-lo como um jogador de indiscutível «classe».

Domingos D'ogo foi o segundo homem da equipa. Estreia auspiciosíssima. Coragem e brio admiráveis. Garra e gana. Já ao Cruz veio a seguir. Jogou muito mais do que esperávamos. Excelente a defender e com fulgores ao ataque de homem com classe. Rui, Amadeu, José Ferreira e Dias Leite mantiveram-se em bom nível. Morais e Araujo deram menos rendimento do que os seus recursos consentiriam. César, muito doente, sofrendo de angina e em abatimento físico, esteve longíssimo de ser o jogador valoroso do costume.

Nos espanhóis vimos três elementos com enorme classe: Borrás, Kurchasky e Dalman. O primeiro como organizador do jogo, o segundo como lançador e o terceiro como defesa volante, notabilizaram-se. Seguidamente tivemos Manolin e Jaldinez. O primeiro magnífico a cortar jogo e o segundo a impor-se pela enorme estatura. E' um bom pivot da equipa mas em classe é inferior aos restantes. Os outros 5 elementos tiveram muito tempo para se mostrar. De todos o melhor foi Gomez.

A arbitragem dos franceses Tarris e Chouzy foi imparcial. Consentiu muita liberdade de movimentos a Galindez que na zona do «cesto» se fartou de barrar o caminho aos nossos defesas.

Público e campo admiráveis. Fidalguia e carinho na recepção. Excelente viagem, em permanente camaradagem.

As equipas alinharam: Espanha — Manolin (2), Dalman (15), Kurchasky (18), Borrás (12), Galindez (16), Jomez, Piernavieja, Ollé, Loxam e Peinado.

Portugal — Domingos Diogo (2), Morais e Pima (10), Araujo (2), Cruz (7), Rui Duarte, Amadeu, D. Leite (6), César (2) e José Ferreira (7).

No final do jogo foram entregues por S. A. O. Kalifa de Marrocos as taças em disputa.

A que coube aos portugueses é lindíssima.

Com mais tempo focaremos mais aspectos deste encontro que nos proporcionou um manancial de impressões.

Alves Teixeira

CAMPEONATO DA MOCIDADE PORTUGUESA



A educação física e o desporto continuam em grande actividade — melhor em franco desenvolvimento — na Mocidade Portuguesa. Pode ser que em comparação com a massa escolar o número de filiados que comparecem a tomar parte em provas desportivas não traduza ainda o desejo e a ideia que orienta a organização. No entanto é muito bom o ambiente de interesse que se regista. Por exemplo, é de salientar a comparação de 1.600 filiados que divididos por 64 classes, representando escolas e liceus, tomaram parte nas exhibições de ginástica para o «Concurso da Insignia colectiva» e que agora vão entrar no Concurso Nacional de Ginástica.



Actividades da F.N.A.T.



Terminaram no domingo os Campeonatos Nacionais de Pingue-Pongue, Individuais e por equipas, e o Campeonato distrital feminino. 1— Ao centro a vencedora, Maria Odete Grácio, do G. D. da Carris de Ferro. À direita, Maria Cristina, da Casa da Moeda, 2.ª classificada, e à esquerda a 3.ª classificada, Ester Gonçalves, do G. I. de Panificação. 2— A equipa vencedora em 2.ª categoria (C. A. T. 56, Lisboa). Da esquerda: João Pereira Oliveira, Daniel Silva e Belmiro Santos.



3— Os vencedores individuais do Campeonato. Da esquerda: Carlos Feio, da Fundação G. A. M. (Lisboa), em 1.ª categoria; António Filipe do G. D. da Comp. Reg. Com. de Algodão em Rama (Lisboa), em 2.ª categoria e Vitor Almeida, do G. D. do Banco Lisboa e Açores (Lisboa) em 3.ª categoria. 4— A equipa do S. N. Empregados de Seguros (Lisboa) vencedora na 1.ª categoria. Da esquerda: Renato Ribeiro, F. Gouveia e Jaime João.



Neste momento os vários Centros da Mocidade entram na fase final do seu ano desportivo. Nas diversas modalidades preparam-se os representantes para os torneios provinciais e nacionais. No Estádio Nacional dezenas de rapazes disputaram os campeonatos provinciais de atletismo. Durante dois dias a pista do Vale do Jamor esteve intensamente animada, pelo conjunto das provas, todas elas reunindo grande número de jovens atletas, alguns verdadeiras revelações, despertando curiosidade e interesse as marcas que muitos conseguiram.

A actividade prossegue, agora animada mais ainda pela realização dos torneios nacionais onde cada provincia apresenta, com puro entusiasmo desportivo, o seu melhor.

Na última semana já esta actividade foi grande. Anotámo-la nas nossas fotos.

1— No Estádio Nacional, o grupo de filiados que tomaram parte nas finais dos Campeonatos Provinciais de Atletismo nos quais participaram duzentos atletas dos Centros de Lisboa, Cascais e Torres Vedras.

2— Joaquim Calça e Pinalça o dardo (47^m,45) conquistando o primeiro lugar, assim como no disco. 3— Rui Ramos, das Oficinas de Material de Engenharia salta 6^m,23. 4 e 5 — As classes de Vanguardistas e Cadetes do Centro n.º 13 (Escola Marquês de Pombal) que obtiveram as primeiras classificações no Concurso de Ginástica.—Um exercício da classe de Infantes do Centro n.º 59 (Casa Pia) que conquistou também um 1.º lugar.



Brasil — que venceu o campeonato sul-americano. Foto tirada no dia em que derrotou o Paraguai por 7-0

O Arsenal chegou... Venceu e convenceu!

(Especial para «STADIUM» — pelo seu Redactor no Brasil — Candeias Alvarez)

Depois do muito que se tem dito e escrito sobre a famosa equipa do Arsenal de Londres, confessamo-nos embaraçados para acrescentar algo mais.

Depois que na nossa terra as penas de Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas e Tavares da Silva, hayerem cantado bem alto as belezas dessa equipa britânica, que mais poderemos acrescentar?

depois da visita que em 1948 aqui fez o Southampton foi de depois da visita que em 1948 aqui fez o Southampton foi um sucesso tão ruidoso que por anos e anos viverá na memória de todos os bons desportistas. A atestá-los está já inicialmente o interesse demonstrado pela torcida que, apesar do péssimo tempo reinante, esgotou por completo as instalações de S. Januário proporcionando assim um novo «record de bilheteria em toda a América do Sul: 994.510 contos, eis a renda apurada no primeiro encontro dos mestres ingleses.

Essa enorme multidão que ocorreu a S. Januário não deu nem podia deixar de dar o tempo perdido por mal empregado. Os «arsenalistas» vencerem de uma forma tão categórica que não deixa margem para dúvidas. O adversário que lhe foi designado era tido como a pedra de toque das possibilidades dos ingleses pelo empenho que sempre põem na luta quando em pugnas de carácter «internacional» e talvez em parte influenciados pela brilhante vitória que haviam conquistados ante a Southampton, os tricolores eram tidos como sérios adversários.

Afinal o revez contundente de 5 a 1 depois de 90 minutos de domínio constante dos ingleses diz bem do que foi o encontro. Contudo, o resultado poderia ter sido bem mais expressivo, tais foram as ocasiões de golo feito que os ingleses preferiram desperdiçar — umas vezes — e outras pela forma magnífica de Castilho, que defendeu bolas julgadas como pontos certos. Notou-se da parte dos ingleses nesta sua estreia a preocupação dominante de primeiro aquilatarem bem do valor do adversário para depois imporem o seu jogo.

Iniciaram o encontro com o à-vontade próprio de grandes equipas e sem esforço, com aparente naturalidade, giraram os seus esquemas cheios de subtilidade e confundiram os tricolores quando, onde, e como quiseram, deixando que os golos surgissem espontaneamente, como corolário de um domínio e fruto de sapiente orientação.

Os mestres demonstraram que afinal de contas o ceptro do futebol ainda está no velho Mundo e na posse dos seus mais fieis adeptos: — os ingleses.

Havia natural interesse no Brasil em conhecer-se a tática que Chapman introduziu no Arsenal e que foi considerada como revolucionária. Quando da visita do «South», o sistema do terceiro defesa não conseguiu dar o resultado desejado por na equipa não existirem jogadores com categoria suficiente para a saberem impor obrigando-os nos jogos finais a jogarem à brasileira. Com o Arsenal, no entanto, as coisas correram de forma diferente. Manteve-se dentro dos rigores da tática e a diagonal brasileira afundou-se. Indiscutivelmente que na equipa existe um equilíbrio de valores a todos os títulos notável. Vê-se que de um modo geral são profissionais de categoria idêntica, desprezando o individualismo em benefício do conjunto que nos surge como uma verdadeira máquina, com todas as suas peças afinadas e ajustadas perfeitamente, prontas a desenvolver o máximo do rendimento quando as circunstâncias a isso o exigiam. Enfim, uma equipa que regalou a vista e os sentidos. Verdadeiros mestres do «association», poderão por factores diversos perder ou empatar, mas se no futebol existisse lógica estamos certos de que não seria ele o desporto-rei arrebatador de multidões. Porém, mesmo sofrendo qualquer precalço, eles serão sempre os lídimos representantes do futebol britânico que nos ensinam algo.



1 — A jogada que precedeu o 4.º golo do Arsenal contra o Fulminense. 2 — Eis a famosa linha avançada do Arsenal de Londres, no dia da sua apresentação no Rio de Janeiro. Deslumbrou e convenceu



A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

DUAS notícias bárbaras tombaram esta semana sobre a nos: a secretária, envolvida em crepes de luto. A primeira, trouxe-a o correio do Brasil; a outra chegou da Grécia, ambas anunciando o mesmo despaire e a mesma distorção de sentimentos, por motivo de jogos de futebol.

Como duas localidades que distam entre si milhares de léguas podem parecer vizinhas na falta de serenidade, chega a causar o mais justificado dos espantos, mesmo aos cépticos que duvidam das virtudes humanas.

No Maranhão, durante um desafio entre rapazes mui jovens, os pais dos jogadores tomaram terrivelmente a peito as peripécias do match e acabaram por se envolver em desordem. Quando os ânimos se apaziguaram haviam cinco mortos e dezasseis feridos, a atestar a violência daquela tragédia.

Em Atenas, no mesmo dia, um indivíduo excessivamente apaixonado pelo jogo da bola, esqueceu-se, lançando-se do alto da velha Acropolis, porque a equipa nacional grega saíra derrotada pela equipa da Turquia.

Estes aqui, descritos em poucas palavras, os acontecimentos a que fazemos alusão no limiar destes despreziosos comentários. Na sua amaríssima singeleza bastam para se avliar o grau de intolerância das multidões, como de alguns indivíduos, ao sofrerem uma surpresa que lhes fustiga a vaidade. Uns, passam à condição de feras, outros caem em abatimento; aqueles malam o competidor bafejado pelo Destino, estes preferem eliminar-se a si próprios.

Se as manifestações desportivas não valessem como exemplos de resignação na adversidade e modéstia no triunfo pouca vangloria se acharia na sua prática. De nada valia produzir belas estátuas humanas, aptas à execução de proezas de força e de destreza, faltando o ambiente sereno dos assistentes. Este último é imprescindível. Representa a pedra fundamental do embalsamento que alicerça o edifício moral do desporto.

A educação do público frequentador dos estádios é morosa, está por concluir e merece o maior cuidado de todos quantos pontificam nas tribunas das letras. Regosigemo-nos, entretanto, porque em Portugal as paixões seculares não impellem as turbas no rumo do crime nem induzem a gestos tão inúteis e desproporcionados como o suicídio.

Ao fim e ao cabo, amigo leitor, que é o futebol senão um jogo sujeito aos azares da fortuna e aos favores da sorte, quando esta bem o entende?

A intromissão autoritária de senhores bem instalados na vida, desconhecidos como praticantes do desporto, mas que num rufo ascendem aos lugares de mando, é um fenómeno generalizado urbi et orbi.

Tanta devoção desinteressada entenece-nos. Escondendo quase sempre ou o ansio por benefícios indirectos, satisfação da vaidade ou capricho de promoção, applicando um quinquê nos inimigos, ei-los que conselheiramente seguram o leme da nau, sem cuidar da fazenda daqueles que nela viajam.

Quando tais figuras se dispõem a dedicar seus ocios pela res alheia, mormente se avançam desinteressados, é nociva por cento exacto que o não fazem por amor da arte.

Assim o entenderam os profissionais belgas do pugilismo, resolvidos a abandonar o seio faminto da R. F. B. B. que bem os tem exaurido, formando um organismo novo para gerência dos seus interesses legítimos.

Mas, antes de demolir é preciso edificar alguma coisa de estável, garantindo a seriedade das manifestações desportivas simultaneamente com a salvaguarda do lado material do pugilismo.

Os agravos mais notórios, contra que se ergueram nobentia por cento dos pugilistas, managers, empresários, etc., da Bélgica, são os seguintes: as taxas pesadíssimas que a Federação aplica, o número excessivo de entradas gratuitas que ela require — cerca de 800 — e a falta de idoneidade para intervir em organizações comerciais onde não arrisca um chavo.

Enquanto isto se dá na pequena nação do Escalca, em Londres prossegue o combate a favor da independência dos pugilistas profissionais, que exigem nova regulamentação do B. B. B. of Control. Desejam fazer parte dos corpos gerentes, por intermédio de dois delegados seus, de contrário levam o assunto a tribunal.

A causa destes homens merece a maior simpatia. Lutando pela independência buscam um tratamento mais dignificante e humano. Numa palavra: que os não explore.

A sua insistência há-de conduzi-los a bom fim, estamos disso firmemente convencidos.

Rafael Barradas

Boxe

Cerdan encontra-se nos Estados Unidos, à espera que nomeiem o seu próximo adversário. Nesta emergência, todo o local de interesses e negociações entre as empresas organizadoras veio à superfície. Cerdan scabará por combater Jake La Motta, um noviorquino que Villemain e depois Dauthuille dominaram de modo significativo, em detrimento de Steve Belloise que é o mais qualificado dos pretendentes ao título.

Jack Dempsey, que se tem dignamente batido em benefício da moralização do boxe, protesta contra a escolha de La Motta e aplaude a decisão do coronel Eagan, recusando autorizar o match em Nova York.

Em Liverpool, o peso-médio de cor, Joe Hyman pôs K-O ao 2.º assalto o antigo campeão da Bélgica, Léon Fonquet.

Na Sala Wagram, de Paris, Omar le Noir apresentou-se em boa condição, vencendo o italiano Salvatore Sanna, por pontos.

Em Lens, o peso semi-médio Humet, que devia ter combatido Rafael da Silva, dispôs de Le Menteur, por pontos.

Luc Van Dam reapareceu depois da lesão sofrida no tendão de Aquiles, ganhando por pontos ao resolutivo Caboche.

Max Deussen, um dos mais destacados pesos médios da actualidade, totalizou a sua 53.ª vitória em Los Angeles. Oposto a Carlos Chavez, mexicano, obteve uma vitória por pontos.

Pierre Montané, ex-campeão de França, foi batido em Melbourne, Austrália, pelo pugilista local Frank Flannery. A decisão do árbitro não satisfiz a numerosa assistência.

No dia 2 de Junho, realizou-se em Londres um importante desafio entre o irlandês Jini Keery, vencedor recente do campeonato de Inglaterra de «leves», e o americano Sandy Saddler.

Esgrima

Realizou-se em Estocolmo o campeonato militar europeu das três armas. A equipa da França (florete) ganhou a prova com 32 vitórias, ficando a Suécia em segundo lugar, com 29, e a Bélgica em terceiro (com 24).

Em espada a Suécia obteve um successo retumbante, classificando os seus atiradores em cinco lugares, entre os oito finalistas. Individualmente, o sueco Carlsson triunfou, ganhando ao b-lga Hauben por 5-3 e 5-3.

O belga Laermans triunfou na prova de sabre, derrotando o francês Calassi, ficando o sueco Akersberg em terceira posição.

Ciclismo

Gino Bartali, o monge voador, venceu brilhantemente a Volta à Romandia, percorrendo o trajeto em 13 h. 41 m. 54 s. Em segundo lugar classificou-se o suíço Kluber e em 3.º Simonini. O mais notável da proeza de Gino foi a sua recuperação milagrosa, na descida de Thavannes (207 km) atacando o pelotão dianteiro com um vigor fantástico, ao ponto de recuperar o atrazo que levava na ocasião.

Futebol

A Inglaterra enviou ao Continente duas seleções para competir com as de vários países. Enquanto que a selecção A perdia com retumbância em Estocolmo, frente à Suécia, a B derrotava a Finlândia, em Helsinquia. Agora, as mesmas turmas derrotaram a Noruega, por 4-1, em Oslo, e a Holanda, por 4-0, em Amsterdão.

O último desafio da excursão está a decorrer neste momento em que escrevemos, pois a selecção A defronta a França em Colômbes, no dia 22.

A equipa da Escócia desembarcou nos Estados Unidos, onde vai disputar uma série de matches contra os melhores clubes do litoral atlântico americano.

O Arsenal, de Londres, foi recebido, no Rio de Janeiro, com grande entusiasmo. O primeiro dos seis desafios que disputara produziu grande impressão, ganhando ao Fluminense (que há um ano derrotou o Southampton por 4-0) pelo expressivo resultado de 5-1. O jogo passou-se de baixo de intensa chuva, mas cerca de sessenta mil espectadores não arredaram pé.

A propósito, ainda, do Arsenal: a viagem ao Brasil efectuou-se em três aviões, por imposição das companhias de seguros. O segundo aparelho regressou ao aerodromo, para verificar um dos motores que funcionou mal após a partida, mas descolou duas horas mais tarde.

A Turquia conseguiu ganhar à Grécia, por 2-1, em Atenas. O desafio conta para o Torneio de Amizade, disputado entre alguns países do Mediterrâneo oriental.

Segundo lemos no diário francês «L'Equipe», o Sporting C. da Covilhã não insiste de contratar André Simonny, do Rouen.

Acrescenta o referido jornal, terido a Paris um director dos «clubs» da Beira, no propósito de convencer o mencionado jogador. Se non é vero...

O Torino — equipa substituta — derrotou Génova por 4-0, a contar para o campeonato italiano. Em segundo lugar segue o clube Internacional, de Milão. Este resultado demonstra que, embora os infelizes de Superga tenham sido proclamados campeões, postumamente, o campeonato prossegue.

Ténis

A famosa competição internacional denominada Taça Davis prosseguiu na semana passada.

A Suíça venceu a Grécia, por não comparência, e a Suedalvia derrotou a Austria, por 4 vitórias a 1. Em Wimbledon, a Tchecoslováquia eliminou a Grã Bretanha e a França fez outrotanto à Dinamarca. Em Estocolmo, os suecos bateram os noruegueses mas os encontros entre italianos e sul-americanos, bem como o desafio Bélgica-Hungria, não estão concluídos na data em que escrevemos. Quanto ao match Chile Egito disputado em Birmingham, as probabilidades cabem aos africanos, mais numerosos e aguerçados.

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALACIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Bom instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Ilália)

Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisio-
tápico. Laboratório de análises clínicas.
Gimnástica Médica. Maçagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

CASINO

Aberto todo o ano
Cinema - Concêrto - «Danc-
ing» - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL

O ténis de mesa para juniores estará esquecido?

Por ser curioso e oportuno, damos publicidade ao artigo que nos foi enviado por um praticante. Eis o seu desabafo:

«Se envio este artigo para a vossa conceituada Revista, da qual sou assíduo leitor, é porque sinto a falta de interesse que reina no ténis de mesa lisboeta.

Sabe-se, e tem-se dito com frequência, que para desenvolver e fazer progredir um desporto é preciso acarinhar os jovens praticantes, os juniores, de cujo valor dependerá em grande parte o futuro dessa modalidade.

Para isso, e nesse louvável intento, os clubes têm criado escolas de aprendizagem para o futebol. Ainda para isso, as Federações promoveram regularmente este ano a realização dos campeonatos de juniores de futebol, andebol, hóquei em patins, etc., etc. E' desta maneira sem dúvida que se desenvolve e estimula um desporto, facilitando a sua prática a rapazes que no futuro o possam prestigiar. Mas este ano, inexplicavelmente, a Associação de Ténis de Mesa de Lisboa, depois de ter realizado como habitualmente a Taça «Diário Popular» e o Campeonato de Lisboa, esqueceu-se lamentavelmente de que em Lisboa também há jogadores juniores, e não promoveu até agora a realização dos habituais torneios para esta categoria (Taça «Stadium», Campeonato de Lisboa e Individual).

Estamos em fins de Maio e, como é sabido, a maior parte dos rapazes ausentam-se de Lisboa depois da primeira quinzena de Julho, e os exames impedem-nos de prestar a sua regular colaboração aos clubes. Quer dizer: restam uns 2 meses e meio, tanto mais escassos quanto a Associação, o ano passado, em que a primeira destas provas começou no dia 15 de Março, teve de realizar ao mesmo tempo os campeonatos de Lisboa (equipas e individual) para a época terminar em 9 de Julho. Mesmo que nesta época se obedecesse ao mesmo critério, os juniores só terminariam a sua actividade em 24 de Agosto, o que é possível, como ninguém duvida. Isto mostra que já é difficilima a realização dos campeonatos este ano, e que só começando imediatamente a disputa da Taça «Stadium», se poderia talvez solucionar a questão. Mas é lamentável que a Associação se esqueça com-

pletamente destes campeonatos, que só têm em mira desenvolver o ténis de mesa em Portugal, pela adesão de novos praticantes com largo tempo diante de si para progredirem convenientemente.

E que interesse poderão eles tomar pela modalidade, se, depois de virem de férias, passam inactivos cerca de 6 meses (este ano 7?) E' natural que o entusiasmo esfrie e que percam o gosto pelo ténis de mesa.

Porque se queixam que o ténis de mesa não progride? A causa está no desinteresse que neste momento reina em Portugal por este desporto, em virtude de não haver treinos certos, de ninguém se preocupar, de não termos qualquer contacto internacional, de não haver datas certas para a realização dos torneios, etc., etc.

E' lógico que os praticantes, vendo-se tão desamparados, se desinteressem deste desporto, que tão alto grau poderia atingir entre nós, em virtude da classe indiscutível de alguns dos nossos representantes.

Eu, na qualidade de jogador efectivo junior do Sporting Clube de Portugal, julgo-me na obrigação de apelar para aqueles que podem resolver esta questão, esperando que dentro em breve possa retomar a minha actividade por tão longo tempo esquecida».

António Lino Horta Osório

AS ENTIDADES DESPORTIVAS E A «STADIUM»

Recebemos da Associação de Futebol de Lisboa o seguinte officio:

Tenho a honra de informar V. que a assembleia geral desta Associação, reunida em 26 do corrente, sob a minha presidência para discutir o relatório da Gerência de 1918, aprovou, por unanimidade um voto de saudação a toda a imprensa, especializando a desportiva, proposto pela Direcção nas conclusões do seu relatório.

Ao dar a V. conhecimento desta resolução, aproveito a oportunidade para lhe apresentar os meus cumprimentos e os desejos de muitas prosperidades para o jornal que tão superiormente dirige.

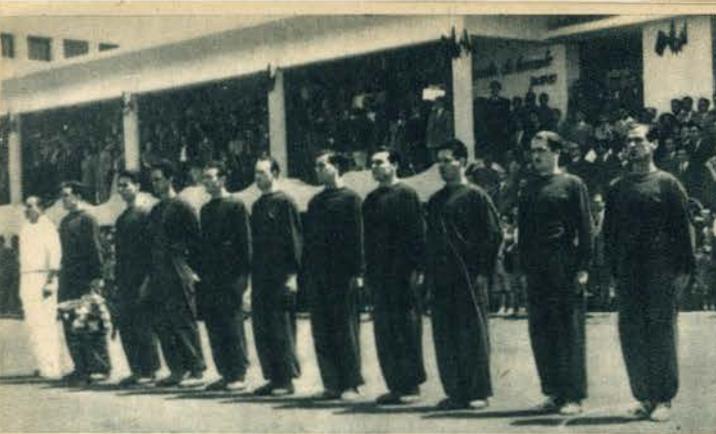
Sabe a Associação de Futebol de Lisboa, organismo de brilhantes tradições, que poderá sempre contar com a nossa imparcial colaboração.

Manuel BARATA

Nosso colaborador — Técnico fotográfico

Participa que tomou a gerência técnica de A. R. L.
ARTES REUNIDAS, LIMITADA

Avenida Almirante Reis, 97, 1.º — Telef. 4 5296 — LISBOA
FOTOGRAFIA ♦♦ PUBLICIDADE ♦♦ CINEMA



A equipa espanhola e os árbitros franceses



A equipa portuguesa



PORTUGAL-ESPANHA em basquetebol

(Comentários de ALVES TEIXEIRA)

Tetuão, 22 (por via aérea)

Perdemos novamente. Nunca estivemos com uma imagem de triunfo tão perto.

Depois dos espanhóis atingirem nos primeiros 5 minutos o resultado de 11-3 a equipa portuguesa, extraordinária de moral, coragem e entusiasmo, conseguiu dominar a fortíssima formação espanhola. O seleccionador da nação vizinha realizou diversas substituições para entrar aquela recuperação gigantesca mas a nossa equipa, acreditando no triunfo, não cedia.

Fernando Amaral ordenava diversas substituições para manter sempre vivo o andamento do jogo, assentando em Pima, Cruz e Domingos Diogo as pedras angulares da equipa.

Ao intervalo já tinham jogado todos os jogadores portugueses — menos Amadeu.

Inegavelmente que aqueles brilhantíssimos vinte minutos da nossa equipa se devem a todos os jogadores mas Pima, Cruz e Domingos Diogo transformaram-se, pela valia dos seus esforços, nos melhores agentes desse resultado de 20-16 a nosso favor, o primeiro conseguido através das quatro competições.

No intervalo, no balneário dos portugueses, imperava uma fé indestrutível. Adivinhava-se o que seria o nosso triunfo e aquilo que representaria para o basquetebol português.

(Continua na pág. 11)



Os espanhóis estão no ataque. Galvídez tenta recarregar a bola, que vai bater na tabela. Na jogada vemos três jogadores nossos: Pima, Diogo e Moraes

Os espanhóis investem sobre o nosso cesto. O contra-ataque foi rapidíssimo. No lance vemos Rui Duarte na tentativa de dominar a recarga de Ollé. No lance vemos mais 3 portugueses: Dias Leite, encoberto, José Ferreira e César

Dois valores do PORTO



PORTUGAL-FRANCA em andebol



Domingo disputa-se no Porto, Estádio do Lima, o jogo Portugal-França em andebol. Apresentamos os seleccionados, após o treino do Porto

Fernando Moreira, o valoroso campeão de ciclismo, recebeu no domingo significativa homenagem dos portuenses, que apreciaram justamente o seu comportamento na «Volta a Marrocos». No Lima, Fernando Moreira recebe uma interessante prenda. Ao lado, o argentino Pereira, que deverá alinhar oficialmente pelo F. C. Porto na próxima época